

REFERÊNCIAS

15th Engineer Battalion. Disponível em: <<http://www.15thengineer.50megs.com/>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-1-2**: Manual de Operações Ribeirinhas dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (Reservado), Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-2500**: Manual de Ações de Fuzileiros Navais nas Operações Ribeirinhas, Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. Marinha do Brasil. Comando de Operações Navais. **ComOpNav-543**: Manual de Operações Ribeirinhas. 1ª Revisão. Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **EMA-305**: Doutrina Básica da Marinha. 1ª Revisão. Brasília, DF, 2004.

DOCKSTAVARVET. Disponível em: <http://www.dockstavarvet.se/products/ combat _patrol_boats/cb_90_h.aspx>. Acesso em: 11 jun 2012.

ELESPECTADOR. Disponível em: <<http://www.elespectador.com/articulo-236335-colombia-y-peru-inician-operacion-neutralizar-al-bloque-sur-de-farc>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

HANCOCK, Daniel A. THE navy's not serious about riverine warfare. Proceedings Magazine, Annapolis, MD, v. 134, n. 1/1, p.259, jan., 2008.

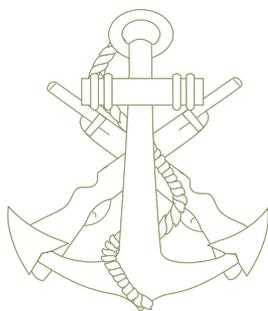
MOBILE RIVERINE FORCE ASSOCIATION. Disponível em: <<http://www.mrfa.org/>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

NAVY FORCES ONLINE PUBLIC SITES. Disponível em: <<http://www.necc.navy.mil/>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

U.S.ARMY CENTER OF MILITARY HISTORY. Disponível em: <<http://www.history.army.mil/>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

WILLIAM B. FULTON. **Riverine Operations**: Vietnam Studies (1966-1969). Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1973.

WILLIAM B. BASSETT. **The Birth of Modern Riverine Warfare**: U.S. Riverine Operations in the Vietnam War. Rhode Island, Naval War College, 2006.



CF (FN) Márcio Rossini Batista Barreira
rossinimbb@ig.com.br

A aplicação da Guerra de Manobra nas Operações Ribeirinhas no Cenário Amazônico

Introdução

A luta pela preservação da soberania da Amazônia brasileira tem o seu marco no século XVII, ainda sob o jugo da metrópole portuguesa, que visava defendê-la de qualquer invasão estrangeira. A ampliação de sua defesa, pelo Governo brasileiro, ocorreu com maior ênfase no século XX, por motivos meramente econômicos (MIYAMOTO, 2008; SILVA, 2008). Ainda no século XX e em pleno século XXI, surgiram as “novas ameaças”¹, que transcendem os aspectos materiais² dos Estados, aumentando, consideravelmente, a preocupação com a defesa da região Amazônica pelas Forças Armadas brasileiras (PEREIRA, 2007). Entretanto, diante das grandes dimensões da região supracitada e de suas peculiaridades, aliadas aos reduzidos meios e aos poucos recursos que as Forças Armadas brasileiras dispõem (FRANKLIN, 2008; MIYAMOTO, 2008), nota-se a necessidade de aplicar, desde já, a filosofia da Guerra de Manobra (GM) em Operações Ribeirinhas (OpRib) no cenário amazônico.

A GM não é uma novidade, pois já foi aplicada, na

¹ São normalmente caracterizadas pelo terrorismo, narcotráfico, grupos guerrilheiros e para-militares (MACHADO, 2007).

² Por definição, o Estado fundamenta-se em três aspectos materiais: território, população e governo (PECEQUILO, 2004).

prática e com êxito, desde a antiguidade, por Alexandre (356 a.C.-323 a.C.), o Grande, e Aníbal (247 a.C.-183 a.C.) (BOTELHO e LIMA, 2005). As Forças Armadas brasileiras, particularmente o Exército e a Marinha, aplicaram com êxito esta filosofia nas OpRib, na campanha do Piquissiri (1868), durante a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) (LISBOA, 2002; VIDIGAL, 2009). Porém, atualmente, para aplicá-la de modo apropriado, é necessário conhecer seus conceitos, bem como adestrar-se, relacionando-os com as peculiaridades do planejamento e da execução das OpRib desenvolvidas por uma Força-Tarefa Ribeirinha (ForTaRib).

Aliado ao que foi citado, o Comando de Operações Navais (ComOpNav) sinaliza, em seu manual de OpRib, a utilização predominante desta filosofia pelos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) na execução da operação em questão, quando seu propósito for a conquista e a manutenção de objetivos em terra (BRASIL, 2005).

Desta forma, este trabalho, por meio de pesquisas bibliográfica e documental, tem o propósito de apresentar alguns conceitos da GM utilizados pela ForTaRib em OpRib no cenário amazônico, que poderão contribuir para o aprimoramento do arcabouço doutrinário da Marinha do Brasil (MB).

Conceitos da GM aplicados às OpRib no cenário amazônico

Braga *et al* (2002) e Lind (1985), fazendo uso das ideias de Liddell Hart (1895-1970)³, descrevem que, uma vez identificados os centros de gravidade (CG)⁴ inimigos, todos os esforços de nossa força devem ser dirigidos sobre estes, de forma indireta. Para atingi-los, será fundamental nossa força explorar suas vulnerabilidades críticas (VC)⁵, para desestabilizá-los ou destruí-los, predominando, nas ações de combate, a filosofia da GM. No sentido oposto, uma força dirigida diretamente para um CG, provavelmente, representará o uso predominante da filosofia da Guerra de Atrito (GA) (BRASIL, 2009).

Para a aplicação da GM nas OpRib do cenário amazônico, é necessário a compreensão, a identificação e a exploração dos conceitos abaixo discriminados, relacionando-os com as peculiaridades das operações em questão, à luz dos Manuais de OpRib do ComOpNav e de Ações de Fuzileiros Navais nas OpRib.

O primeiro conceito é o de *Superfícies e Brechas*, que constituem, de forma simplista, os Fatores de Força e de Fraqueza, respectivamente. Uma vez ratificados ou retificados tais fatores do oponente, por meio de esclarecimentos ou reconhecimentos contínuos, os meios de combate da ForTaRib deverão concentrar suas forças sobre as brechas do adversário, bem como evitar todas as suas superfícies (BRASIL, 2008a). Estas ações deverão ser rápidas, de modo a surpreender o adversário, bem como evitar que o mesmo reforce suas brechas, o que não é tão simples em uma OpRib no cenário em questão, haja vista as grandes distâncias e a limitação que a fisiografia oferece aos meios da ForTaRib (BRASIL, 2005).

A *Ação ditada pelo Reconhecimento ou Esclarecimento* é o segundo conceito, o qual está inter-relacionado ao primeiro, já que permite a identificação das brechas e das superfícies inimigas (BRASIL, 2008a). Este conceito é muito utilizado pela ForTaRib, particularmente durante seu movimento para a Área de Operações (AOp) e o desenvolvimento de suas ações⁶. Nesse contexto, as ações descentralizadas, que caracterizam a execução das OpRib, só serão bem sucedidas se forem ditadas por esclarecimentos, haja vista possibilitarem a ratificação ou retificação da situação militar do oponente e das condições do terreno, que foram levantadas anteriormente (BRASIL, 2008a; BRASIL, 2005). Assim, é lícito afirmar que as ações desta Força dependem muito mais dos resultados obtidos pelos esclarecimentos

³ Capitão britânico que lutou na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), tornando-se, mais tarde, um influente estudioso da guerra, cujas obras foram caracterizadas pelo uso de pequenas forças profissionais dotadas de grande iniciativa, mobilidade e surpresa, que procuravam utilizar, constantemente, as abordagens indiretas em suas operações, de forma a evitar as principais defesas do oponente e perdas desnecessárias de vida humana.

⁴ É a fonte de todo o poder e confere ao contendor, em última análise, a liberdade de ação para utilizar integralmente seu poder de combate. Poderá ser constituído por um aspecto material [...] ou não material, como uma liderança [...] ou a vontade de lutar (BRASIL, 2008a, p. 3-4).

⁵ “São pontos fracos do CG que ao serem explorados resultarão na desestabilização ou destruição do CG oponente, [...] devendo ser [...] acessíveis pelo contendor oposto [...]”, bem como transitórias, em um determinado momento ou período (BRASIL, 2008a, p. 3-4).

⁶ O Movimento para AOp e o Desenvolvimento das ações são fases de uma OpRib, assim como o Planejamento e o Embarque e Carregamento (BRASIL, 2005).

realizados pelas tropas, pelos meios navais e aeronavais do que das decisões detalhadas do Comandante ForTaRib (ComForTaRib).

O terceiro conceito é a *Surpresa*, que está baseada na rapidez e no sigilo das ações, os quais combinados com a apropriada utilização da fisiografia do cenário amazônico pelos escalões subordinados da ForTaRib, reduzirão a capacidade de reação do adversário (BRAGA *et al*, 2002; BRASIL, 2008b). Ela deve estar intimamente ligada à criatividade, de maneira a permitir a inovação de ações contra o oponente, o qual não estará preparado e adestrado para contrapor-se às mesmas (BERMÚDEZ, 2006; LIND, 1985).

A *Concentração* é o quarto conceito, sendo caracterizada pela combinação da superioridade de ritmo⁷ e de velocidade⁸, proporcionando a exploração das VC do adversário, de forma a obter, no momento oportuno, uma superioridade de poder de combate local (BRASIL, 2004). Este conceito poderá ser potencializado nas OpRib pelo emprego integrado e bem coordenado dos meios navais, de fuzileiros navais e aeronavais que compõem a ForTaRib, os quais, combinados com a apropriada utilização da fisiografia do cenário amazônico pelos escalões subordinados desta Força, poderão afetar psicologicamente o adversário (BRASIL, 2008a; BRASIL, 2005).

O quinto conceito é a *Ousadia*, caracterizada pela combinação da criatividade, liderança, conhecimentos e experiências profissionais (LIND, 1985). Esse conceito, quando bem empregado, proporcionará a contínua exploração das VC do adversário (BRAGA *et al*, 2002). Tal elemento torna-se determinante para o planejamento e a execução das OpRib, em função da atuação direta do ambiente operacional sobre os recursos humanos que compõem a ForTaRib, além de seus equipamentos e armamentos (BRASIL, 2008b).



Figura 1: Ações dos Fuzileiros Navais no Curso de OpRib em Manaus.
Fonte: Simpósio de Operações Ribeirinhas, 2009.

⁷ De acordo com Braga *et al* (2002, p. 9), ritmo significa “[...] a rapidez em relação ao tempo, ou seja, é a rapidez com que se orienta e decide”.

⁸ Para Braga *et al* (2002, p. 9), velocidade significa “[...] rapidez em relação ao espaço, à habilidade para mover-se rápido, estando diretamente relacionada às fases da Observação e da Ação”.

O sexto conceito é o *Comando e Controle (C²)*, que permite o funcionamento eficiente e eficaz de uma cadeia de comando (BRASIL, 2007). De acordo com Lind (1985), esse conceito considera duas dimensões, a saber: monitoragem e liderança. A primeira será atendida por meio das comunicações entre o comando da ForTaRib e seus escalões subordinados. O ComForTaRib deve ter em mente que só poderá intervir nas ações dos escalões subordinados para explorar novas oportunidades ou pela mudança da VC do oponente (LIND, 1985). Entretanto, sabe-se que as características do terreno do cenário amazônico, de forma geral, dificultam a eficácia da monitoragem de qualquer operação militar (BRASIL, 2008b). Lind (1985) alerta que o C² não terá valor algum sem o estabelecimento da confiança entre superior-subordinado e vice-versa. Nesse contexto, verifica-se que o C² das OpRib não estará relacionado apenas à tecnologia de última geração, mas também deverá levar em consideração a dimensão humana (BRAGA *et al*, 2002). Desta forma, o C² das OpRib, neste cenário, deverá ser apoiado, principalmente, no exercício da liderança.

O sétimo conceito, *Intenção do Comandante*, proporcionará uma visão geral aos subordinados de como a missão será cumprida. Em suma, este conceito permitirá ao comandante de qualquer escalão informar a seus subordinados os resultados esperados ao final de uma operação ou ação, mesmo diante de situações inesperadas, mantendo-se a unidade de comando (BRASIL, 2008a). A Intenção do Comandante é um conceito importante na execução das OpRib do cenário amazônico, haja vista a descentralização das ações dos escalões subordinados, além das dificuldades de comunicação (BRASIL, 2008b). Neste sentido, torna-se fundamental que o subordinado entenda a Intenção do Comandante dois níveis acima do seu (LIND, 1985).

O oitavo conceito, *Atribuição de Tarefa pelo Efeito Desejado (ED)*, proporcionará aos subordinados flexibilidade e iniciativa das ações. Nesse contexto, esta liberdade de ação permitirá aos subordinados explorarem as Brechas e VC, de modo a atingir ou desestabilizar o CG oponente diante de situações inesperadas, sem a interferência direta do Comandante na execução de suas tarefas em uma OpRib (BRASIL, 2008a). Assim, nota-se que o conceito ED minimiza a mentalidade de erro zero presente em nossa Força, além de levar em consideração a execução descentralizada caracterizada pelo ambiente operacional (BRAGA *et al*, 2002; BRASIL, 2008b). Além disso, a Atribuição da Tarefa pelo ED e a Intenção do Comandante irão contribuir para evitar uma Diretiva demasiadamente detalhada (BOOTHE, 2006), contrariando os manuais da MB voltados para as OpRib.

O nono conceito é o de *Armas Combinadas*, que significa a integração de todos os meios disponíveis a uma Força, de forma a complementar suas capacidades e mini-



Figura 2: Travessia dos meios de fuzileiros navais na Região de Santarém, PA.
Fonte: Simpósio de Operações Ribeirinhas, 2009.

mizar suas vulnerabilidades (BRASIL, 2008a). Este conceito afetará o oponente nos campos psicológico e físico (LIND, 1985), pois se uma força naval oponente se deparar com áreas restritas à navegação, sua tripulação ficará atenta a tais perigos, podendo reduzir sua velocidade de avanço ou retornar com seus meios navais. Diante disso, um escalão subordinado da ForTaRib poderá utilizar, contra tal oponente, um ataque de mísseis baseados em terra ou em uma plataforma naval. Assim, neste exemplo, verifica-se a integração do uso apropriado da fisiografia do cenário amazônico ao emprego de mísseis. Além disso, o cenário amazônico oferece muitas possibilidades para utilizar este conceito, cujos escalões subordinados deverão ter suas ações bem coordenadas para evitar fratricídio ou interferências com as ações dos demais escalões subordinados.

Finalmente, o décimo conceito diz respeito ao *Movimento Navio-Objetivo (MNO)*⁹, que é definido como o resultado:

[...] da flexibilidade proporcionada pela combinação de vetores aéreos e de superfície capazes de proporcionar mobilidade [...], permitindo que sejam adotadas direções de ataque assimétricas em diferentes opções de penetração em terra, o que representa uma inovação em relação à linearidade das ações [...] (PARANHOS *et al*, 2001, p. 72).

Verifica-se que este conceito é utilizado em diversos exercícios de OpRib no cenário amazônico, sem tal denominação, pois são frequentes os empregos dos seguintes vetores de projeção: Lanchas de Ação Rápida (LAR), Embarcações de Transporte de Tropa (ETT), Embarcações Regionais e helicópteros. Este conceito está intimamente ligado ao mínimo de uso de medidas de coordenação e controle, as quais serão estabelecidas somente se forem vitais para o sucesso das ações dos escalões subordinados (BRASIL, 2008b; LIND, 1985). Desta forma, é lícito afirmar que este conceito já está incorporado às execuções das OpRib pela MB, no cenário em estudo, pelo emprego integrado do trinômio navio-tropa-helicóptero, além da utilização mínima de medidas de coordenação e controle.

⁹ Conhecido pelo USMC e pela Marinha dos EUA como *Ship-to-Objective Maneuver (STOM)*, traduzido como a Manobra Navio-Objetivo (tradução nossa) (PARANHOS *et al*, 2001).



Figura 3: Ações dos meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais na Região de Santarém, PA.

Fonte: Simpósio de Operações Ribeirinhas, 2009.

Conclusão

Ao longo da história brasileira, constataram-se inúmeras ameaças à soberania da região Amazônica, devido às suas peculiaridades e aos baixíssimos orçamentos repassados ao Ministério da Defesa pelo Governo Federal. Apesar disso, tais fatores poderão ser superados pela MB, aplicando a filosofia da GM como uma solução apropriada às OpRib, filosofia a qual atuará nos campos moral, mental e

físico do seu oponente.

Apesar das Forças Armadas brasileiras possuírem um histórico de êxito na aplicação da GM em OpRib (constatada em Piquissiri, durante a Guerra da Tríplice Aliança) e ainda haver sinalização dos manuais operativos da MB, voltados para tais operações, em utilizar preponderantemente tal filosofia, verifica-se que é necessário conhecer seus conceitos, procurando relacioná-los às OpRib desenvolvidas no cenário amazônico. Além disso, tais conhecimentos ressaltam a capacidade que a Força Naval oferece para a aplicação da GM em OpRib no cenário em questão.

Desta forma, conclui-se que a GM poderá ser aplicada pela MB em OpRib no cenário amazônico, em função do emprego integrado e coordenado dos meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais em: concentrar esforços nas brechas do oponente, bem como evitar as superfícies do mesmo, de forma rápida; realizar ações descentralizadas e ditadas pelo esclarecimento; empreender rapidez em seu processo decisório; utilizar apropriadamente a fisiografia para obtenção da surpresa; e fazer uso da ousadia, do C², da Intenção do Comandante, da Atribuição da Tarefa pelo ED e do emprego de Armas Combinadas. Tais atributos permitirão explorar as VC do oponente, de modo a atingir seus CG indiretamente.

REFERÊNCIAS

- BERMÚDEZ, Brúmel Vazquez. A Guerra Assimétrica à luz do pensamento estratégico clássico. *Revista da Escola de Guerra Naval*, Rio de Janeiro, n. 07, p. 63-82, jun. 2006. Disponível em: < <http://www.egn.mb/revistaEgn.htm> > Acesso em: 15 abr. 2009.
- BOOTHE, L. Lance. Ordens de Operações e Liderança: complicando aquilo que é simples. *Military Review*, Fort Leavenworth, v. LXXXVI, n. 1, p. 02-10, jan./fev., 2006.
- BOTELHO, Tomás de Aquino Tinoco; LIMA, Gustavo A. Freitas de. A Guerra de Manobra: Aspectos de Comando e Controle. *O Anfíbio*, Rio de Janeiro, v. XXV, n. 24, p.109-123, 2005.
- BRAGA, Carlos Chagas Vianna et al. **Peculiaridade da Guerra de Manobra e sua Aplicabilidade na MB**. Rio de Janeiro: Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores da Escola de Guerra Naval, 2002. 60 p. Relatório.
- BRASIL. Marinha do Brasil. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-0-1: Manual Básico de Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro: 2008a.
- _____. _____. _____. **CGCFN-1-2: Manual de Operações Ribeirinhas dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (Reservado)**. Rio de Janeiro: 2008b.
- _____. _____. Comando de Operações Navais. **ComOpNav-543: Manual de Operações Ribeirinhas (Reservado)**. Rio de Janeiro: 2005.
- _____. _____. Escola de Guerra Naval. **Estratégia Operacional**. Rio de Janeiro: 2009.
- _____. _____. Estado-Maior da Armada. **EMA-305: Doutrina Básica da Marinha**. 1 rev. 13 jul. 2004. Brasília: 2004.
- _____. Ministério da Defesa. **MD35-G-01: Glossário das Forças Armadas**. Brasília: 2007.
- FRANKLIN, Cleber Batalha. As relações entre o Brasil e a Venezuela e a segurança amazônica. In: NASCIMENTO, Durbens Martins (Org.). **Relações Internacionais e defesa na Amazônia**. Belém: Observatório de Estudos de Defesa da Amazônia (OBED), 2008. p. 99-147.
- LIND, William S. **Maneuver Warfare Handbook**. Colorado: Westview Press, 1985.
- LISBOA, Cláudio da Costa. Guerra de Manobra. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v.122, n.10/12, p. 198-206, out./dez., 2002.
- MACHADO, Roberto Loyola. O Século XXI e as Novas Percepções de Ameaça à Segurança. *Revista da Escola de Guerra Naval*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 43-53, dez. 2007.
- MIYAMOTO, Shiguenoli. Amazônia, política e defesa. In: NASCIMENTO, Durbens Martins (Org.). **Relações Internacionais e defesa na Amazônia**. Belém: Observatório de Estudos de Defesa da Amazônia (OBED), 2008. p. 65-97.
- PARANHOS, Mauro Cezar de Campos et al. A Guerra de Manobra e os Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. *O Anfíbio*, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 21, p.67-78, 2001.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PEREIRA, Carlos Patrício Freitas. **Geopolítica e o Futuro do Brasil: Amazônia Ocidental e Pantanal Comunidade Sul-Americana**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2007.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. A Amazônia e as novas ameaças mundiais. In: NASCIMENTO, Durbens Martins (Org.). **Relações Internacionais e Defesa na Amazônia**. Belém: Observatório de Estudos de Defesa da Amazônia (OBED), 2008. p. 47-63.
- VIDIGAL, Armando A. Ferreira. A Campanha Naval na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v.129, n.04/06, p. 48-54, abr./jun., 2009.